

Senado teve papel na vinda de primeiros japoneses

Ha 120 anos, Brasil e Japão assinavam tratado que permitiu que 200 mil migrantes do país asiático se estabelecessem aqui, garantindo mão de obra para as plantações de café, que já não contavam com trabalho escravo. Acordo foi homologado pelo Congresso um ano depois

Josiana Paganini

Uma pequena propriedade. O sucesso do imigrante se media pela possibilidade de ele largar a enxada e ganhar a vida em outras funções que não fosse o duro trabalho rural ou, pelo menos, de trabalhar em sua própria terra. Alguns se repatriavam ou reinseriam. Iam para a Argentina, por exemplo. Não era uma mão de obra firme e o fazendeiro sempre estava precisando de gente. Então era preciso pensar sempre em outra saída — explica Bueno.

Saída asiática

A China foi a opção inicial. Os chineses já haviam sido trazidos ao Brasil por Dom João VI para ensinar o cultivo de chá, mas a empreitada não prosperou. Em 1860 o governo imperial assinou um tratado de comércio e imigração com a China. A segunda tentativa também fracassou. Entre os motivos, estavam as condições análogas às da escravidão em que eram mantidos os chineses, que recebiam salários muito baixos, e as diferenças culturais, um obstáculo à integração dos imigrantes. Com a República, o tratado foi suspenso.

Em 1894, o diplomata José da Costa Azevedo, o barão de Ladário, foi em missão à China para promover um novo acordo. Mas, um telegrama enviado de Hong Kong, afirmou ser a imigração de novos imigrantes chineses "um mal moral" para o Brasil, sem justificar seu julgamento, e defendeu os japoneses. "O Japão está no caminho de um progresso fértil. Tem leis, tribunais e juizes, até certo ponto iguais aos dos países mais adiantados", escreveu o barão.

Diante disso, o presidente Prudente de Moraes determinou que o diplomata brasileiro na França procurasse seu colega japonês para propor um acordo. Em 5 de novembro de 1895, Gabriel de Toledo Piza e Arasuke Sono firmaram em Paris o Tratado de Amizade, de Comércio e de Navegação, iniciando as relações diplomáticas entre os países.

A medida foi festejada pelos parlamentares. O deputado Artur Rios comemorou a vinda do "povo mais ilustrado do extremo oriente". Para o senador Gomes de Castro, os japoneses eram "um povo que revelou qualidades superiores e uma civilização muito adiantada".

Houve quem contestasse as despesas que a iniciativa implicaria para o Brasil. Na Câmara, o artigo que previa o envio de pessoal diplomático para o Japão gerou polêmica. Deputados alegaram que a crise econômica não recomendava o aumento dos gastos e autorizaram só a transferência de servidores, mas não a contratação de novos. No Senado, a medida foi considerada pelo senador Coelho Rodrigues "uma economia de palcos".

Em 1894, o diplomata José da Costa Azevedo, o barão de Ladário, foi em missão à China para promover um novo acordo. Mas, um telegrama enviado de Hong Kong, afirmou ser a imigração de novos imigrantes chineses "um mal moral" para o Brasil, sem justificar seu julgamento, e defendeu os japoneses. "O Japão está no caminho de um progresso fértil. Tem leis, tribunais e juizes, até certo ponto iguais aos dos países mais adiantados", escreveu o barão.

ainda que estivesse regurgitando dinheiro, que não é essa a nossa situação, pagaria passagens a imigrantes para se empregarem em condutores de bondes, engraxates, vendilhões, fazendo uma concorrência esmagadora ao povo brasileiro — afirmou.

Preço da passagem

Gomes de Castro também reclamou de os estados do Norte, clamando desprovidos, não se beneficiariam da imigração. A época, a vinda dos imigrantes devia ser custeada pelos estados. Segundo ele, a maior parte dos estados do Norte e do Nordeste não podia bancar as despesas.

— O Amazonas, não obstante ter muito dinheiro, tem muitas necessidades, não pode estar a pagar. Só de passagem, 500\$ a 600\$ [reis] por cabeça de japonês — disse Gomes de Castro, reivindicando que a União arcasse com esses custos.

Observador Clodoaldo Bueno vê nesse embate um fator positivo em relação ao funcionamento do Parlamento de então: — É lógico que havia representantes do café e outros que também se envolviam nas questões do café. Mas o Congresso tinha uma visão mais ampla do país e do governo, autorizado a resolver questões de vária natureza, não se queixando de representantes de vários estados traírem de questões nacionais, que outros interesses também estão bem representados, não só o café. Havia uma corrente forte contra a imigração subsidiada.

O monge Sato

O monge Sato lembrou: — Os imigrantes de maneira geral sofreram repressão nessa época. Italianos e alemães, por causa da aparência foram mais aceitos no país. Os japoneses não tiveram essa sorte. Foram vítimas da ignorância que a primeira geração enfrentou na escola pública sem falar português. As crianças corriam atrás de mim tancando pedra e gritando: "japones, volta para o Japão!". Isso me provocava muito terror. Durante a 2ª Guerra, o Brasil chegou a ter espécies de campos de concentração onde eram aprisionados imigrantes italianos, alemães e japoneses.

"Meu pai foi preso no Brasil só por causa da origem", diz monge budista

A família paterna do monge Ademair Sato chegou no segundo dia do mês de maio de 1908, vindo do navio japonês a aportar em Santos (SP), em 1910. Foi para uma fazenda de café perto de Araçatuba (SP). O pai dele nasceu no Brasil, em 1914. Segundo ele, era um típico capanga paulista, chamava-se Seito. Mas tinha também nacionalidade japonesa. Por causa disso, foi convocado para lutar na guerra entre o Japão e a China, que começou em 1937.

Encerrada sua missão na guerra em 1942, ele foi da China para o Japão, onde se casou com a japonesa Kinuko. O casal voltou num dos últimos navios japoneses que vieram para o Brasil antes de o país cortar relações com o Japão por causa da 2ª Guerra Mundial. Aqui, foi



Cartaz de 1920 incentivando a imigração japonesa para o Brasil. Ilustração assinada em 1895

Superpopulação fez Japão incentivar emigrações

O Tratado de Amizade, Comércio e Navegação inaugurou as relações diplomáticas e econômicas entre o Brasil e o Japão. Foi também o início da história de 1,6 milhão de brasileiros descendentes dos 200 mil japoneses que se estabeleceram no Brasil — a maior população de japoneses fora do Japão. Mas, para os desbravadores japoneses, esse início não foi fácil. A pobreza e o preconceito foram os desafios. Em meados do século 19, o Japão iniciou um processo de modernização, com a abertura para o mundo ocidental. A imigração surgiu, para o governo japonês, como solução para a superpopulação e a pobreza. Em 1896, o país tinha 40 milhões de habitantes e escassez de terras. Primeiro, estimulou-se a ida de trabalhadores rurais para a Califórnia e o Havaí, nos Estados Unidos. Mas as condições de maus-tratos foram muitas e o Japão interrompeu a proposta de imigração. Foi quando o próprio governo brasileiro surgiu com uma nova possibilidade. Ao contrário do Japão, o Brasil era subpovoado. Com um território 22 vezes maior do que o japonês, o país contava com apenas 12 milhões de habitantes. A população japonesa era quase quatro vezes maior do que a brasileira.

Choque
A ideia dos imigrantes era vir para o Brasil, enriquecer e voltar para o país natal. Após 40 dias de viagem pelo mar, os primeiros japoneses chegaram, em geral, ao porto de Santos e daí eram distribuídos entre as fazendas de café de São Paulo e do Paraná. Era quando eles se davam conta da realidade que se viam eram pobres, mas não sabiam que tinham trabalhado nas fazendas de café. No Japão, trabalhavam em pequenas propriedades. Aqui, encontraram o mar verde

co aqui. Foi ele, o neto, quem conseguiu retornar à terra dos antepassados. Atualmente, 175 mil brasileiros vivem no Japão, a maioria descendente de japoneses, os decaséguis. Suguiro emigrou em 1990. Foi admitido numa montadora de carros. Lá soube que os antigos imigrantes eram mal vistos — O japonês acreditava que quem emigrou quando a situação estava difícil foi um traidor da nação, saiu quando o Japão mais precisava. Não é verdade. Suguiro explica que os avós nunca retornaram ao Japão porque ganhavam muito pouco no país — afirma ele, que voltou para o Brasil depois de oito anos.



Muito cedo, o haikai, forma típica de poesia japonesa, agitou os poetas e letrados brasileiros. O médico e poeta Afonso de Castro foi o primeiro a fazer menção a Suguiro em 1910. Mas quem, de fato, popularizou foi o modernista caifado de Almeida, na década de 1930. Depois dele, outros poetas consagrados dedicaram-se aos versos simples, dispostos em três estrofes, inspirados pela natureza, como Haibô de Campos e Paulo Leminski.

Cultura japonesa no Brasil

Esporte

Agricultura

Alimentação

Literatura

O Judo chegou a ser praticado no Brasil informalmente, com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses. A partir da década de 1920, vieram os praticantes de Judo, Karate e Jiu-Jitsu. Os japoneses trouxeram a prática, como Ikuo Ohshiki e Ikuo Iwazaki. Três anos depois de fundado a Confederação Brasileira de Judo, em 1969, o Brasil conquistou a primeira medalha olímpica. Com federações em todos os 26 estados e no Distrito Federal, o mais de 1 milhão de praticantes, o Judo assumiu em 20 anos o posto de esporte mais praticado em mais de 100 países.

Além de trabalhar nas fazendas de café, os imigrantes japoneses deram grandes contribuições para a agricultura brasileira. Em 1910, os primeiros japoneses chegaram ao Brasil e trouxeram com eles a laranja e a manga. Como sequeiros, trouxeram técnicas de plantio e irrigação, trouxeram frutas de Japão, como laranja, manga, kiwi e flores. Esse histórico de sucesso na agricultura fez com que o governo brasileiro criasse, em 1974, o Programa de Desenvolvimento do Judo, que, com ajuda técnica do Japão, criou o Judo Brasileiro e ajudou milhares de produtores de soja do mundo.

Os primeiros japoneses que chegaram ao Brasil vieram com a alimentação diferente. Verduras, legumes e peixe não faziam parte dos hábitos alimentares da maior parte dos brasileiros, constituídos basicamente de carne seca, farinha de mandioca e feijão. Os poucos japoneses foram plantando verduras e importando produtos típicos, como arroz, soja, milho e trigo. No final da década de 1920, começaram a cair sushi, sashimi e yakisoba, conhecidos com o nome de "japãozinho". Em 1979, existiam 14 restaurantes japoneses em São Paulo. Hoje, são mais de 600. Sushi e sashimi são oferecidos em churrascarias.